

# SOBRE A ARMADURA SIMBÓLICA DOS RITOS DE PASSAGEM<sup>1</sup>

---

Mário F. Lages\*

Ao escolher um tema que não fosse demasiado enfadonho para esta «oração de sapiência», decidi-me por aprofundar convosco o sentido desta sessão de entrega de diplomas sob a perspectiva da ritualidade simbólica a que tenho dedicado ultimamente algum tempo de investigação. E dou às minhas palavras o título de «armadura simbólica dos ritos de passagem», o qual, assim ouvido de chofre, pode parecer estranho e incompreensível. Envidarei, porém, todos os esforços para esclarecer o que entendo por esta expressão, num discurso breve, simples e imagético. E só por isso espero obter a vossa benevolência.

## A entrega de diplomas como rito de passagem

A questão que me coloquei foi a de saber o que, do ponto de vista da antropologia cultural, se pode dizer acerca do acto solene que estamos a viver. E não encontrei conceito que melhor o interpretasse do que o de *rito de passagem*, proposto em 1909 por um etnólogo francês, Arnold Van Gennep, num pequeno livro com esse título. E porque a matéria estava à espera de que alguém a teorizasse, juntando num grupo coerente o que andava disperso, tanto o livro como a expressão tiveram o sucesso que merecem as boas formulações.

No fundo, porém o conceito de *ritos de passagem* é simples e quase intuitivo, pois na sua expressão social, se refere a todos os actos rituais com significado especial na vida dos indivíduos e das comunidades, por implicarem a transição de um estado anterior para um outro em que são assumidas novas responsabilidades, honras ou privilégios. Fundamental para o seu entendimento é a noção de transição, que pode ser entendida em termos de tempo, de lugar ou de estado. Por eles se investe de ritualidade os gestos e palavras produzidos publicamente segundo um esquema pré-estabelecido. Por isso é que o seu paradigma está nas cerimónias

---

\* Professor da Universidade Católica Portuguesa. Vogal de Direcção do CEPCEP.

<sup>1</sup> Lição de Sapiência na cerimónia de entrega de diplomas de Licenciatura aos alunos da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, 18 de Janeiro de 2007.

religiosas, que, na sua quase fixidez, constituem o limite para que todos os ritos de passagem tendem.

A importância do tempo na definição destes ritos está igualmente neles presente, em alguns não se fazendo mais do que celebrar as mudanças cíclicas ou sazonais, pontuadas por momentos de forte investimento simbólico, como é o caso das festas de Natal, às quais subjaz a celebração do solstício de Inverno com seus ceptos ardentes a ajudar o Sol a vencer os frios das longas noites; do Ano Novo com a eliminação do que é velho e caduco, como os trastes antigos que em várias nações são lançados, à meia-noite do dia 31 de Dezembro, da janela das casas para a rua; do Carnaval e sua subversão da ordem e domínio provisório do rei Momo; das festas de S. João, pouco após o solstício de verão, com suas fogueiras de rosmaninho, murta, alecrim, alfazema, poejo, macela, bela-luz e toda a espécie de plantas odoríferas, como que para dar ao Sol os aromas que ele espalha pelas árvores em flor e pelas frutas em vias de amadurecer; e das festas nacionais e dos aniversários, pessoais ou familiares, também eles envoltos de uma ritualidade que lhes determina a rememoração e o significado.

Nos ritos em que está envolvida uma alteração da pertença grupal ou uma mudança de status – como o baptismo, a iniciação, o casamento, a consagração religiosa e, em última análise, esta entrega de diplomas –, para além da marca do tempo, está também o conceito de crise da vida, que van Gennep associou às passagens mais significativas. É sobretudo nelas que se podem distinguir os três momentos que constituem estes ritos – a *separação* de um agregado, o processo propriamente dito de *transição* e a *agregação* a um novo grupo, beneficiando de um novo estatuto<sup>2</sup>.

Não me demorarei na exploração do conceito, nem multiplicarei os exemplos para o ilustrar, nem sequer desenvolverei as duas etapas que enquadram a transição, por serem menos necessárias ao meu propósito. Apenas acrescento que esta segunda fase é, em termos rituais, a mais fundamental, já que todos os ritos de passagem supõem que se atravessa um *limen*, um limiar; e que só a seu respeito se pode falar verdadeiramente de eficácia ritual, tanto do ponto de vista individual como colectivo. E se esta eficácia não é necessariamente visível do ponto de vista físico, é-o certamente em termos simbólicos e sociais. Ou seja: o rito de passagem altera não só a percepção que o indivíduo faz de si mesmo mas também a posição social que tem na comunidade e o sentido da sua pertença a ela, paralelamente com as imagens que nela vigoram a seu respeito.

Postos estes elementos não suscitará dúvidas em ninguém que esta entrega de diplomas cumpre inteiramente o conceito. E se bem atentarmos, veremos que ela constitui uma unidade com a praxe de entrada na Universidade, na qual foram dados os primeiros passos da grande passagem que é o curso universitário. Mas os actores de então e de agora são diferentes; e as suas funções, em certa medida, antagónicas.

---

<sup>2</sup> A. VAN GENNEP, *The rites of passage*, Chicago, The University of Chicago Press, 1975.

Na praxe fostes separados do vosso grupo de amigos e colegas adolescentes e integrados num outro grupo, num ritual imposto pelos colegas mais velhos – tanto mais extremistas na aplicação das humilhações quanto mais próximos de vós estavam, de forma a estabelecer a sua condição recentemente conquistada de estudantes universitários –, utilizando um cânon cerimonial não oficial e, em certa medida, mutante. E a própria degradação momentânea a que fostes submetidos, enquadra-se na crise de vida que a conquista de um diploma implica. Hoje, para vos compensar das agruras então sofridas, tendes o vosso momento de glória e exaltação, nas palmas e nas vozes de aplauso que sublinharão a entrega do vosso diploma e na presença das autoridades máximas da Faculdade na mesa da presidência, prestes a solenizar essa entrega. Assim, se a informalidade foi a marca dominante no primeiro momento da passagem, a solenidade deste acto consagra e perpetua o percurso feito e o vosso novo estatuto de licenciados.

Na superação da crise de vida que mencionei está suposta a consecução de uma homeostasia emocional e social. Mas ela não é definitiva. De facto, os ritos de passagem supõem uma transição de papéis sociais, perfeitamente assumidos, para outros que implicam novas formas de estar, de sentir e de agir. Se, pois, ficam para trás nas vossas vidas os momentos penosos de preparação das várias disciplinas que tivestes de estudar e de que destes provas públicas, se fica para trás a incerteza sobre a capacidade de superação dos desafios, outra crise se perfila para o futuro: a da tensão entre a capacidade e o trabalho, entre o prazer e a responsabilidade. E o frágil papel que vos será entregue, envolto no clássico «canudo» que lhe dá consistência, é apenas uma promessa e uma esperança. A crise não fica resolvida na transição. Supõe a integração num mundo novo onde tereis de fazer valer todas as competências adquiridas.

Ides, porém, seguros delas. A cerimónia, a que esta Universidade sempre deu grande importância, consagra-a. Aliás, o apego desta Universidade aos ritos e seus símbolos é uma das notas do catolicismo: todos os actos marcantes da vida são nele celebrados com ritos de grande espectro simbólico. E não o faz sem razão. Não são, com efeito, as ideias que marcam o sentido da existência mas, sim, os símbolos a elas anexos, porque só eles produzem a integração social ou transcendental e o sentimento de que isso acontece. Só eles envolvem a totalidade da pessoa, reunindo, no *homo symbolicus*, a razão e o sentimento, o pensamento e a acção.

### **A dimensão simbólica da vida social**

Para completar estas reflexões, penso valer a pena enquadrar a nossa temática na perspectiva mais ampla da dimensão simbólica das relações sociais. Para isso começarei por pôr em evidência que nela se produz uma espécie de compactação do tempo e do espaço, tornando contíguos momentos e lugares, reduzindo interstícios através do trabalho selectivo da memória, como quando, ao olharmos para a

nossa própria história, deixamos de lado todos os momentos anódinos e retemos os mais gratificantes, só neles encontrando o sentido da vida, sobretudo quando procuramos as suas mais importantes referências transcendentais. De facto, o que é próprio do simbólico é que elimina todos os interstícios temporais, locais ou lógicos de forma a tornar intersignificativas coisas que à partida pareciam nada ter em comum.

Tudo isto, dir-me-eis, é muito abstracto. Por isso vou ilustrar estes conceitos com um exemplo retirado da tradição popular, na versão que lhe foi dada por Madame d'Aulnoy, uma literata francesa que viveu na última metade do século XVII e inícios do século XVIII e escreveu contos de fadas. No texto resumido em seguida está expressa a ideia que constitui o ponto de partida de toda a produção simbólica: a realidade, em termos aperceptivos, é essencialmente diáfana e as coisas são, todas elas, intersignificativas num aspecto qualquer da sua manifestação.

Um rei, indeciso sobre qual dos seus três filhos deveria nomear para lhe suceder, pede-lhes que abandonem o palácio em busca de belos e ricos presentes, um dos quais deveria consistir numa fina e delicada peça de tecido. Os filhos mais velhos apresentam-se na corte com as grosseiras teias que suas noivas tinham preparado. O mais novo, envergonhado, traz uma caixa que uma princesa, encantada em Gata Branca, lhe entregara.

E da caixa retirou «uma noz que partiu. No meio dela estava uma avelã. Partiu-a também; e dentro viu um caroço de cereja. Partiu o caroço de cereja que estava cheio da sua amêndoa. Abriu a amêndoa e encontrou dentro um grão de trigo e dentro do grão de trigo, outro de milho-miúdo. Abriu o grão de milho-miúdo, e o espanto geral não foi pequeno quando dele tirou uma peça de tecido de mais de 400 metros, tão maravilhosa que todas as aves, animais e peixes aí estavam pintados, juntamente com as árvores, os frutos e as plantas da terra, os rochedos, as raridades e conchas do mar, o sol, a lua, as estrelas, os astros e os planetas dos céus. Também tinha os retratos dos reis e outros soberanos que então reinavam no mundo; o de suas mulheres e amantes, dos seus filhos e de todos os seus súbditos, sem que o miúdo mais traquina tivesse sido esquecido. Cada qual no seu estado representava uma personagem vestida à moda da sua pátria.» E termina: «Foram buscar uma agulha e a peça passava no seu buraco seis vezes. Nada do que existia no universo se lhe podia comparar»<sup>3</sup>.

Esta bela peça de literatura erudita de fundo popular põe em evidência que as operações simbólicas fazem entrever uma realidade através de outra como se tudo fosse transparente e as coisas só pudessem ser entendidas nessa sua diafania intrínseca.

Mas o exemplo é apenas instrumental, de forma a dizer que no simbólico tudo está compactado. E dele apenas retiro que o homem não lida com a natureza dos

---

<sup>3</sup> Cf. Charles PERRAULT, *Contes, suivis de Contes de Madame d'Aulnoy*, Paris, Gruend, 1980, 3<sup>e</sup> éd., p. 178.

objectos sociais mas sim com as suas representações, que ficam encapsuladas umas nas outras à maneira de bonecas russas. E se a noção de semelhança, que permite predicar umas coisas pelas outras, é facilmente aceite por qualquer filósofo, a de que as imagens se substituem à própria realidade só será plenamente aceite por um sociólogo interaccionista. Para ele, com efeito, os significados que sustentam as relações referem-se não apenas à percepção que fazemos dos outros mas também à percepção que fazemos de nós próprios nessas relações.

Num caso e noutro utilizamos uma máscara em que fazemos aparecer o que desejamos ser. Ela é, antes de mais, um encobrimento de si para si. Só depois o é para os outros. Do que somos, mostramos apenas a melhor face. Daí que a personalidade, quer individual quer social, seja um contínuo exercício de construção da imagem. E tão importante hoje ela é que, para ser uma figura pública, se empregam conselheiros especializados na produção de imagem, de maneira a aparecer segundo a forma que os outros mais apreciam, concretizando o carácter social heteronómico de que falava David Riesman<sup>4</sup>.

Pode-se, pois, dizer que, se a civilização antiga tinha como seus principais epígonos os heróis, cuja importância foi analisada a partir de Édipo e de Perseu por Otto Rank, Lord Raglan ou Erwin Hartland, e se a idade média valorizava sobretudo a santidade, a idade moderna, com a sua insistência nos valores individuais, pôs em evidência a figura do cientista. Mas, nas sociedades pós-modernas, exacerbou-se o parecer e a dimensão estética da vida social. A civilização actual é cada vez mais um acervo de imagens desconexas. E a sedução pela moda substituiu a responsabilização individual e social: parecer e aparecer fazem as vezes do ser.

Nos tempos que correm, o que interessa, entre nós de uma maneira muito especial, é a figuração, mesmo que se não seja ninguém, mesmo que se não tenha nada de si para dar. No Brasil chega-se mesmo a morrer pelo ideal de beleza esquelética das *waiifs* – meninas emaciadas e esguias semelhantes à Twiggy. E se esta definiu com seu corpo de menina impúbere o ideal de beleza dos anos 60, e se Vlada Roslyakova representa hoje o paradigma das *postwaiifs* vindas do leste, com sua silhueta quase transparente<sup>5</sup>, ambos estes modelos estão longe do ideal de beleza de uma *glamazon* como Cindy Crawford, com sua figura curvilínea. Quem queira figurar hoje no fugaz estrelato das supermodelos tem de se tornar etérea.

A imagem incorpora de uma forma única o sentido estético das elites simbólicas hodiernas numa espécie de transcendência de trazer por casa num mundo em que os valores materiais são dominantes. Mas a sua importância na diferenciação dos papéis sociais continua actual. De qualquer maneira, nisto se mostra que, por uma via distante do rito que estamos a celebrar, o simbólico está no cerne da produção dos significados sociais.

---

<sup>4</sup> David RIESMAN, *The Lonely Crowd*, New Haven, Yale University Press, 1950.

<sup>5</sup> Cf. *Time Magazine*, 15 Jan. 2007, p. 9.

## A dimensão dramática

Estas breves considerações sobre a importância social do simbólico nos tempos actuais e na definição da personalidade, nem é recente nem foi posta em primeiro lugar pelos cientistas sociais. Já William Shakespeare – o super-poeta das paixões humanas e do drama que elas trazem consigo – falava na última cena do segundo acto de *As You Like It*, da semelhança entre o teatro e a vida: «Todo o mundo é um palco / E todos os homens e mulheres são meros actores: / Eles têm as suas entradas e saídas; / E cada homem ao longo da sua vida representa vários papéis, / Os seus actos sendo sete idades»<sup>6</sup>.

Esta dimensão teatral da existência, em que o agir é tomado essencialmente como representação, foi particularmente desenvolvida por Erving Goffman. Num dos seus livros, *The Presentation of the Self in Everyday Life* (1959), velho de quase meio século, a perspectiva dramática é levada por vezes até ao extremo. Para compreender a sua importância, basta referenciar dois conceitos-chave: o de representação, pela qual se tenta impressionar os outros, e o de realização dramática com que os indivíduos chamam a atenção para factos que doutra maneira seriam ignorados. Mais claro ficaria ainda o seu contributo se explorássemos conceitos como o da comunicação fora de contexto, o da gestão das impressões ou o da mistificação da representação<sup>7</sup>. O que refiro parece-me suficiente para dizer que a verdade das imagens sociais está cheia de artifícios que nem sempre retratam a verdade do ser e os significados do agir.

Por detrás de tudo está a ideia de que a pessoa vive de imagens, suas e dos outros, e que estas imagens são fundamentais na definição da personalidade, que só pode ser identificada no grupo social. Para ter disso a certeza, basta olhar para os jovens. O vestuário, o calçado, o arranjo do cabelo, os adereços, as sensibilidades musicais, tudo constitui factores da distinção que eles fazem entre fixos, betos e cotas.

Tudo isto foi, aliás, teorizado há mais de um século por William James, psicólogo americano, que, nos seus *Principles of Psychology*, faz uma reflexão fulcral para a compreensão da importância da imagem que os outros fazem acerca de alguém para a ideia que ele faz de si mesmo. «Falando com, propriedade, diz ele, *o homem tem tantas identidades sociais quanto os indivíduos que o reconhecem* e trazem uma imagem dele no seu espírito. [...] Mas como os indivíduos que transportam estas imagens se dividem naturalmente em classes, podemos na prática dizer que

---

<sup>6</sup> William SHAKESPEARE, «As You Like It», II, 7, 138-143, in suo *The Complete Works*, London, Oxford Univ. Press, 1959, p. 227.

<sup>7</sup> Cf. E. GOFFMAN, *The Presentation of the Self in Everyday Life*, Garden City, N. Y., Doubleday Anchor Books, 1959, e Ann BRANAMAN, «Goffman's Social Theory», in Ch. LEMETRT and A. BRANAMAN, eds., *The Goffman Reader*, Malden, Mass., Blackwell, 1997, pp. lxiv-lxv.

ele tem tantas identidades sociais quanto *os grupos* de pessoas a cuja opinião dá importância»<sup>8</sup>.

As teorias da representação estão, pois, no centro da definição das interações sociais e dos símbolos que as sustentam.

### **O diploma e a dimensão agonística da vida**

Depois desta deriva por teorias e observações que situam esta cerimónia no seu referencial simbólico, não terminarei sem olhar para o diploma que ides receber no contexto da dimensão agonística da vida, comparando-o a um escudo detrás do qual enfrentareis as suas batalhas: protecção tanto mais importante quanto a imagem que se tem do seu valor, em função da universidade que o outorga, permite a competição pela excelência – no trabalho, no desporto ou nas relações humanas –, competição esta que constitui uma parte integrante da vida nas sociedades modernas.

O diploma faz parte dessa armadura simbólica. Dela estais desde já revestidos para a vida e suas incertezas, em competição com os vossos pares desta e de outras universidades. Mas esta armadura só desempenhará a sua função se for a expressão de uma sapiência que o tempo vos ajudará a descobrir, aprofundar e interiorizar.

Para compreender a metáfora, nada melhor do que rememorar o que Homero diz no Canto xviii da *Ilíada* a respeito das novas armas que Tétis foi pedir ao Olimpo para revestir seu filho Aquiles, inerte depois de Heitor ter despojado Pátroclo das armas do semi-deus. A ninfa «de pés prateados», chega junto de Hefesto que a recebe no seu «palácio imperecível, astral, eminente entre as casas imortais e brônzeo, que construíra o próprio deus de pé coxo». Põe-se ele imediatamente à obra, usando o bronze, o estanho e o ouro, com os quais fabricou um escudo excelente, descrito pelo aedo ao longo de mais de 200 hexâmetros. Dou-lhe a palavra.

Hefesto fez um «escudo grande e robusto, todo lavrado», em cinco camadas em que cinzelou muitas imagens, «a terra, o céu e o mar; / o Sol incansável e a Lua cheia; / e todas as constelações, grinaldas do céu: / as Plêiadas, as Híadas e a Força de Oríon; / e a Ursa a que chamam carro». «E fez duas cidades de homens mortais, / cidades belas. Numa havia bodas e celebrações: / as noivas saídas dos tálamos sob tochas lampejantes / eram levadas pela cidade». Em volta da outra «estavam dois exércitos refulgentes de armas», onde «Os sitiados se armavam para uma emboscada. / As esposas amadas e as crianças pequenas guardavam / em pé a muralha, e com ela os homens já idosos. / Os outros saíam liderados por Ares e Palas Atena». «Pôs também uma leira amena, terra fecunda, / ampla e três vezes arada; nela muitos lavradores / conduziam as juntas para aqui e para acolá.» «Pôs também uma propriedade régia, onde trabalhavam / jornaleiros, segurando nas mãos foices afiadas.» «Pôs

---

<sup>8</sup> William JAMES, *The Principles of Psychology*, cap. X, in <http://www.des.emory.edu/mfp/james.html#principles>.

ainda uma vinha bem carregada de cachos, / bela e dourada [...] em toda a extensão com esteios de prata.» «Também fez uma manada de bois de chifres direitos. / As vacas fê-las de ouro e de estanho.» «De ouro eram os boieiros [...] / quatro ao todo; e seguiam-nos nove cães de patas rápidas. / Mas dois medonhos leões entre o gado que ia à frente / agarravam um touro de urros profundos». «Fez também [...] uma pastagem situada num belo vale, grande pastagem / de brancas ovelhas, com redis, toldados casebres e currais». «Um piso para a dança cinzelou o famoso deus ambidestro [... onde] mancebos e virgens [...] dançavam / segurando os pulsos uns dos outros.» «Colocou ainda a grande força do rio Oceano / à volta do último rebordo do escudo bem forjado»<sup>9</sup>.

O que do poema resta neste resumo basta para dizer que toda a realidade é colocada no escudo em camadas sobrepostas – como que para obrigar os seres e as suas ações a intersignificarem-se, em razão da contiguidade. De facto, a diafania entre o cosmos e o mundo humano e animal era de tal maneira clara para o ferreiro divino que este conseguiu representar num só escudo, mediante configurações misteriosas e processos inimagináveis, astros, estrelas e constelações, a terra dos homens e os oceanos. Juntando num espaço escasso todos estes seres, Homero obriga-nos a entrever relações que só a mente e a arte de um deus podia atingir, só ele fazendo, por herança, a aliança entre a terra e o céu. Sendo, com efeito, filho de Zeus e de Hera, tinha na sua deficiência a marca da terra. Por isso, a ela é lançado duas vezes, uma pela mãe e outra pelo pai. E salvo por Tétis, ninfa das águas, casa com a bela Afrodite nascida da espuma das ondas revoltas.

Gostaria de ver no escudo de Aquiles uma imagem do vosso diploma. A ciência, a sabedoria e a virtude conquistadas ao longo do vosso curso são, neste entendimento, a armadura simbólica com que ireis lutar no futuro. Por cima da maleabilidade da ciência, nunca definitiva, simbolizada no estanho, gostaria de ver a dureza do bronze da sabedoria. E sobre ambas, o fulgor da virtude, que tal como o ouro que brilhava no escudo celeste, resplenderá no testemunho de humanismo, eventualmente cristão, por vós dado nas posições sociais que vierdes a ter. E ousa esperar que tudo o que recebestes nesta casa tenha a mesma densidade, integração e beleza que o escudo que Tétis transportou do Olimpo para as mãos de Aquiles que com ele morreu, ferido no seu proverbial calcanhar.

A lição que retiro de tudo o que disse é que, se o simbólico invade por todos os interstícios a nossa identidade pessoal e social, esta cerimónia que consagra a vossa passagem de estudantes a «doutores» também implica que é necessário juntar terra e céu, compreendendo os homens e respondendo aos apelos de transcendência, já que todo o simbólico guarda no seu âmago pelo menos um laivo de religiosidade, pois aponta para realidades não sensíveis.

---

<sup>9</sup> HOMERO, *Iliada*, XVIII, 368-608 (tradução de O. Lourenço, Lisboa, Livros Cotovia, 2005, pp. 378-385).